

RELEITURA DE OBRA DE TARSILA DO AMARAL
O MAMOEIRO
CRÔNICA

O mamoeiro

Por Gislaine Buosi

Dona Augusta levanta cedo, forra a mesa, reparte os biscoitos de nata. Carlos quer sempre os maiores. Suzana, dia sim, dia não, entorna a caneca de leite. As roupas, lavadas no rio, são esticadas no varal, ao sol da manhã, que também amadurece os mamões.

A cidadinha é de fazer inveja às demais – o prefeito inaugura a ponte que leva o povo de um bairro a outro. O discurso, a festa, a carne assada e o refresco – não falta nada! As despesas foram pagas pela prefeitura – até os rojões, estourados em plena manhã de sábado.

Que festa boa! Agora o Tônico bate os olhos no mamoeiro, quer apanhar os mamões, ao que Dona Augusta retruca:

— Peraí! Ninguém põe a mão no mamoeiro enquanto eu não voltar! Vou recolher a roupa do varal, e trago as bananas do terreiro. Avisa o povo que a festa ainda não acabou!